

# Uma em cada três mulheres foi vítima de violência íntima ou sexual

written by O Cidadão | 19 de Novembro, 2025



Uma em cada três mulheres foi violência íntima ou sexual ao longo da vida, avançou esta quarta-feira a **Organização Mundial da Saúde**, sublinhando tratar-se de **uma das crises de direitos humanos mais negligenciadas do mundo**.

O número representa um total de **840 milhões de mulheres** em todo o mundo, sendo que a organização garante que muitos casos nem sequer são reportados.

De acordo com dados divulgados esta quarta-feira num relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS), realizado em conjunto com outras agências da ONU, **o número de mulheres afetadas praticamente não muda desde o ano 2000**.

***“A violência contra as mulheres continua a ser uma das crises de direitos humanos mais persistentes e negligenciadas do mundo, com muito pouco progresso em duas décadas”***, sublinha a OMS, a menos de uma semana do Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres e Raparigas, celebrado a 25 de novembro.

Só nos últimos 12 meses, aponta a organização, 316 milhões de mulheres com 15 anos ou mais foram submetidas a violência física ou sexual por parte de um parceiro íntimo.

***“O progresso na redução da violência por parceiro íntimo tem sido penosamente lento, com uma queda anual de apenas 0,2% nas últimas duas décadas”***, lamenta a agência das Nações Unidas.

O estudo, que pela primeira vez inclui estimativas nacionais e regionais de violência sexual por alguém que não seja um parceiro, revela que 263 milhões de mulheres com mais de 15 anos sofreram violência sexual por parte de não-parceiros.

Os especialistas alertam, no entanto, que o valor está muito abaixo do real porque as mulheres não apresentam queixas destes casos devido ao estigma e ao medo.

***“A violência contra as mulheres é uma das injustiças mais antigas e disseminadas da humanidade, e ainda assim, uma das menos combatidas”***, afirma o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, no relatório.

***“Nenhuma sociedade se pode considerar justa, segura ou saudável enquanto metade da sua população vive com medo”***, defende, alegando que acabar com esta violência não é apenas uma questão de política, mas de dignidade, igualdade e direitos humanos.

***“Por detrás de cada estatística, existe uma mulher ou rapariga cuja vida foi alterada para sempre”***, sublinha o responsável da OMS, para quem ***“o empoderamento das mulheres e das raparigas não é opcional, mas um pré-requisito para a paz, o***

## ***desenvolvimento e a saúde***".

O novo relatório, que analisa dados de entre 2000 e 2023 em 168 países, revela também que a resposta a este quadro está ***"claramente subfinanciada"***.

Isto apesar de haver cada vez mais estratégias eficazes para prevenir a violência contra as mulheres e numa altura em que as emergências humanitárias, as mudanças tecnológicas e o aumento da desigualdade socioeconómica estão a crescer, lamenta a organização.

Segundo refere a OMS, **em 2022 apenas 0,2% da ajuda global ao desenvolvimento foi destinada a programas focados na prevenção da violência contra as mulheres e, mesmo esse financiamento caiu em 2025.**

Embora a violência aconteça em todos os países, as mulheres dos países menos desenvolvidos, atingidos por conflitos e vulneráveis às alterações climáticas, são afetadas de forma desproporcional.

Por exemplo, a Oceânia (excluindo a Austrália e a Nova Zelândia) regista uma prevalência de 38% de violência por parceiro íntimo no último ano, ou seja, mais de três vezes a média global, que é de 11%.

Cinco zonas do mundo apresentam-se no segundo lugar da lista com valores muito semelhantes, começando pelo Sul da Ásia, com uma prevalência de 19%, passando pela Ásia Central e Meridional e pelos Países Menos Desenvolvidos, com 18%, e terminando na África Subsaariana e Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento, com 17%.

No Norte de África, a prevalência da violência chega aos 16% e cai depois para os 8% quando a análise chega ao Leste e Sudeste asiático. Não muito longe fica a América Latina e Caraíbas, com 7%.

**A Europa e a América do Norte são as regiões onde esta prevalência é menor, situando-se nos 5%.**

A OMS pede, no entanto, aos vários países para tomarem medidas, não só através da responsabilização dos agressores, mas também da recolha de dados que permitam fundamentar novas políticas.

***“Ainda existem lacunas significativas [de informação] principalmente em relação à violência sexual por parte de não-parceiros e em grupos marginalizados, como mulheres indígenas, migrantes e mulheres com deficiência, bem como em contextos frágeis e humanitários”,*** refere a organização.

Além disso, é preciso que os governos ampliem os programas de prevenção, reforcem os serviços de saúde, jurídicos e sociais para as sobreviventes e apliquem leis e políticas que empoderem as mulheres e as raparigas.

OC/MP